

A criação artística nas cidades médias

Neste 3º dia do IV Festival das Companhias descentralizadas, no qual saúdo os seus organizadores – a Acta, a Escola da Noite, o CENDREV, a Companhia de Teatro de Braga, o Teatro das Beiras e o Teatro de Montemuro, decorre esta mesa redonda sobre a criação artística nas cidades médias.

Devo dizer que me causa alguma estranheza tudo o que é “médio”: das alegrias não dizemos que são médias, não há amores médios, a tristeza é tudo menos média e mesmo o meio campo vê os médios tornarem-se avançados ou recuarem até à baliza em grandes manobras de velocidade.

As cidades, essas, convocam de imediato a imaginação, o sentido de pertença ou de distância, de vontade de conhecer ou antes pelo contrário.

As cidades são o território natural da cultura. Pois se para todas as plantas e animais, peixes e aves, há lugares onde se encontram em simbiose, esses onde se diz haver equilíbrio, o natural para a cultura é estar na cidade. A cidade contrapôs-se por séculos e séculos, por milénios até, a campo. Antes da cidade e do campo, havia só a errância nómada que transportava consigo uma cultura própria ou várias culturas, como se perceberá se se estudar o nomadismo pelos diversos continentes. Mas a falência da viagem constante para uma fisicalidade mais densa, essa que se faz da duração, levou a uma alteração paradigmática, que do campo levou à cidade e, nestes pólos, ao modo como se contava a história social.

No início deste século, que testemunha a vitória estatística da cidade sobre os campos, direi que essa vitória vai muito para lá dos números e da sua análise, independentemente da defesa que se possa fazer de que, afinal, tudo é explicável pela matemática.

As tecnologias vencedoras da segunda metade do século XX, que nos colocaram na chamada Sociedade da Informação e do Conhecimento, tornaram o campo cidade, pois no mais remoto recôndito do planeta chega a estática comunicacional, o cabo, a rede. Não esquecendo que há muita gente sem acesso a essa sociedade, e que como tal não lhe pertence, perceber-se-à que isso não significa que o campo não tenha morrido – significa, ao que me parece, que, como digo, tendo desaparecido o campo, não desapareceram os pobres.

O campo já não é uma ideia romântica, é, acima de tudo, parque urbano. O Amazonas não é selva, é reserva de biodiversidade. O pinhal de Leiria ardeu em grande parte e a mata do Buçaco é um hotel. O campo, neste nosso Portugal, é um troço de alguns quilómetros entre Benquerença e Alpedrinha, ornamentado por estações de serviço, cafés, restaurantes e casas dispersas. E se do alto da Serra da Estrela se pode ver um horizonte materialmente natural, na sua esférica perspectiva, esse horizonte pertence a um parque, o Parque Natural da Serra da Estrela, parque urbano, claro. No fundo, o que é a Serra para além de uma aspiração a estação de inverno transalpina, misturada com queijo de ovelha de região demarcada, eco-turismo e autocarros de ocasião?

Chego assim, pela estrada abaixo, a Coimbra, uma cidade média.

Como Viseu, ou Aveiro, ou Faro, Setúbal, Braga, Évora, Angra do Heroísmo, Funchal, tudo “cidades médias”.

E cedo se perceberá que há médio e médio. Pois o médio de Braga faz parte de uma área metropolitana, a do Porto. E o médio do Funchal é médio grande e o médio de Viseu é médio pequeno e o médio de Évora no Alentejo é enorme, e o médio de Aveiro nada tem a ver com o médio de Setúbal.

Depois há o que chamarei os “outros” médios. São tão poderosos e médios que nem nos lembramos como são médios. Estou a falar de Gaia, que é médio só para dizer que é metade, ou seja, metade do Porto; de Oeiras e Cascais que são outra Lisboa, de Almada que é vizinha do Barreiro e do Seixal e todos eles detestam que se fale de “margem Sul”, de Sintra que tem quase tanta gente como Lisboa mas é a “Vila de Sintra”, que confina com a “cidade” de Agualva-Cacém. Ao lado da “Vila” de Sintra temos a “cidade” do Sabugal, perante a qual a Guarda é uma “cidade grande” e Viseu certamente uma metrópole. E o que dizer de Loures, Vila Franca de Xira, Espinho ou Matosinhos?

Uso esta ironia só para realçar a desordem na taxinomia, ou se preferirmos, na classificação que por aí anda entre pequeno, médio e grande.

Repare-se, entretanto, que o que para nós é médio, em muita Europa, Ásia ou Américas é bem pequeno.

Veja-se a cidade média de Évora, que não chega aos 50 000 habitantes, perante a cidade média de Belém, no Pará, Brasil, com 1 000 000, ou o que é uma cidade média portuguesa, numa escala que nos é mais próxima, em comparação com uma cidade média espanhola:

Burgos, com 180 000, Salamanca com 160 000, Vigo com 300 000, Badajoz com 150 000 são cidades médias em Espanha, onde depois há muitas cidades com 500 000 a 1 000 000 de habitantes como Vitória, San Sebastian, Bilbao, Sevilha, Valência, Zaragoza.

As cidades médias portuguesa são, pois, a muitos títulos, cidades pequenas.

Falta-lhes escala. Ou seja, há uma escala mínima para sustentar certo tipo de actividades de maneira estável.

Esta evidência vale para várias áreas de actividade e vale também para a actividade artística.

Assim, a escala condiciona o tipo de actividade artística que é possível numa cidade média.

Mas não se confunda as características de uma actividade com a possibilidade da sua existência.

Se são necessários requisitos muito especiais para transformar uma cidade num centro de aeronáutica ou num porto comercial, potencialmente, qualquer cidade pode ser um centro de cultura. Pois se as condições para desenvolver certas competências urbanas são muito restritivas, na questão cultural tal não sucede em termos de afirmação, sucede em termos de caracterização.

Quer isto dizer que qualquer cidade pode ser um centro de cultura, pois a potência da cultura encontra-se nas pessoas e não nos lugares. Uma cidade com um elevado valor patrimonial mas sem actividade cultural contemporânea não é um centro de cultura é uma zona museológica. Não é uma cidade, é um parque patrimonial. Pois uma cidade depende dos seus cidadãos, de um projecto de cidadania, de uma dinâmica identitária.

Não há que ter medo da identidade cultural – só a identidade permite o encontro com o Outro. Não se pode esquecer que sem a figura do Eu não é possível a figura correlativa do Outro.

Por isso cada cidade tem de configurar o seu Eu. Neste caso, o seu “Eu artístico”.

No tempo das culturas globais, das identidades múltiplas, das identidades assassinas, do multiculturalismo e da interculturalidade, fazer cidade é fazer cultura, pois este elemento é indispensável para transformar edifícios em casas, estradas em avenidas, descampados em jardins, e acima de tudo, espaço e tempo em construção do humano. Se tudo o que fazemos é por definição humano, mesmo no mais brutal dos actos, nem tudo é construção da cidade. De certa forma, a construção prática e simbólica da cidade, acto individual e colectivo dos cidadãos é uma forma axial da democracia, da política e da cultura, pois há um ponto em elas se encontram sem se prejudicarem antes se afirmando como manifestações de um mesmo *ethos* – a nossa cidade.

A actividade artística nas cidades médias portuguesas não pode ser vista de forma generalista – cada caso é um caso.

O que reitero é a importância construtiva da actividade artística enquanto acto urbano. A compreensão solidária dos cidadãos do cimento desta presença, na escola, em casa, no espaço de trabalho, no espaço público, nos lugares especificamente destinados a manifestações artísticas é elemento que creio crítico na sofisticação do modo de vida dos portugueses.

Uma sofisticação que não tem de depender do poder aquisitivo em termos financeiros mas do poder da vontade.

Assim, neste período difícil da nossa vida colectiva, as artes são elemento que não pode ficar apagado ou diminuído na vida das cidades, pequenas, médias ou grandes, pois diminuir a sua presença é diminuirmo-nos a nós próprios. Temos de procurar formas de compensar as dificuldades e de afirmar a presença. É um desafio para todos nós encontrar propostas para lá do dinheiro e das suas limitações.

Não perceber isto é cometer um erro estratégico. Temos de trabalhar para evitar esse erro, reconhecendo os constrangimentos presentes, mas não fechando as portas as tijolos já colocados na casa do nosso contentamento e nas ruas que estamos a desbravar a caminho do futuro que queremos para nós e para os outros.

Jorge Barreto Xavier

Coimbra, 24.06.10